

Fundação deixa 1.400 sem

Roosevelt Pinheiro 23.02.89

Quarta-Feira, 26/4/89

alfabetizar

Roosevelt Pinheiro

Mais de 1.400 crianças do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), da rede oficial de ensino, ainda não tiveram aulas este ano, embora a maioria das escolas já esteja encerrando o primeiro bimestre de 89. A Fundação Educacional tem se esforçado para suprir a deficiência de profissionais, mas o déficit ainda é grande. Somente na Regional de Ensino da Ceilândia a carência é de 16 professores para a alfabetização. No Gama a situação é semelhante. Doze turmas de CBA estão sem aula por falta de professores. Apenas as regionais Sobradinho e Plano Piloto estão com o quadro de profissionais completo.

O Ciclo Básico de Alfabetização está enfrentando ainda o desinteresse dos profissionais pela alfabetização. Segundo a encarregada geral do CBA, Ernestina Ilha Miller, a sobrecarga da jornada de trabalho, além da falta de material didático, está levando os professores de CBA a desistirem da profissão. "É difícil trabalhar com as séries iniciais, que exige um esforço maior do professor". Segundo Ernestina, é impossível ensinar nessas duas séries sem o auxílio de material concreto como cartazes, figuras, palitos, relógios, letras e números. "Com 40 horas semanais dentro da sala de aula o profissional não tem condições de preparar o material necessário".

Déficit antigo

Segundo a secretária de Educação, Josephina Baiocchi, o déficit de professores no Ciclo Básico é antigo, embora a alfabetização mereça uma atenção especial da Fundação. Josephina reconhece ainda que os profissionais do CBA precisam de um estímulo, e garante que já está estudando uma alteração no Plano de Cargos e Salários para gratificar estes profissionais. Entretanto, para Ernestina, o ideal para o alfabetizador seria uma jornada de 40 horas semanais com 20 horas em sala de aula e as outras 20 horas no trabalho de reforço de alunos e preparativos do material utilizado no dia-a-dia.

Ernestina ressalta a importância do CBA, lembrando que o principal ganho do método, implantado em 86, foi o fim do rótulo de repente que refletia de forma negativa na vida estudantil. "Tínhamos casos de alunos que ficavam até oito anos na primeira série do primeiro grau. Com o CBA, o aluno leva no máximo quatro anos para cumprir os objetivos das duas primeiras séries do 2º grau". Segundo Ernestina, o Ciclo Básico reduziu os gastos da fundação, além de evitar que um aluno permaneça por muitos anos ocupando o lugar de muitos, que não estão estudando por falta de vagas.



Pais de alunos se reuniram para discutir as irregularidades na escola do Lago Norte

Pais denunciam fraude em escola

A Fundação Educacional poderá intervir na Escola Classe do Lago Norte se o diretor Ayrton Muzel Benck, empossado anteontem, não conseguir colocar ordem e esclarecer uma série de denúncias que envolvem as diretorias passadas. Irregularidade no currículo e na extinção do jardim de infância, fraude nas eleições para diretor e até discriminação social na formação de turmas de alunos são algumas das denúncias feitas por pais, professores e alunos da escola.

A situação na escola do Lago Norte — a única da Fundação na Península Norte — já gerou uma reunião da secretária de Educação, Josephina Baiocchi e os vários segmentos de pais e associações. Depois de muita discussão, foi sugerida a constituição de um conselho deliberativo, que administraria a escola em co-gestão com a Fundação. Mas a divisão entre os grupos é tão grande que o diretor da Regional de Ensino, Francisco de Castro, afirma que a medida seria uma verdadeira "congestão" na escola.

A inexistência de matérias obrigatórias do currículo de 7ª e 8ª séries, como aulas de laboratório e práticas comerciais ou industriais

gera preocupação num grupo de pais.

A extinção do jardim de infância é considerada uma decisão de interesse de uma "oligarquia" de professores, que não viu mais a necessidade da continuidade do curso, pois, segundo o grupo de pais que faz as acusações, os seus filhos já haviam passado da fase pré-escolar. Esses mesmos professores são acusados de discriminar os alunos, colocando os de maior poder aquisitivo e maior capacidade em turmas selecionadas, e os de classe social mais baixa no turno da tarde, onde a ausência de professores é maior. Diz-se que até a merenda escolar pela manhã é mais requintada, e que à tarde os professores abandonam a sala de aula para passearem no shopping ou buscar seus filhos em aula extracurriculares, como piano e dança.

Fraude

A fraude, segundo alguns pais que formam um grupo sem líderes, começou em novembro, quando todas as escolas da Fundação elegeram seus diretores e na escola a candidata que concorreu sozinha, Maria Igláe Alves, não atingiu o quórum mínimo, segundo as normas da eleição. Com isso, a Direto-

ria Regional indicou uma diretora, Marly Silva, que só conseguiu ficar no cargo por três dias — pediu demissão por receber ameaças, ter sua vida particular devassada e se sentir incapaz de promover qualquer mudança na escola.

Ficando mais de um mês sem um diretor, chegou-se a decisão de que a comunidade escolar faria uma lista tripla, cujos nomes seriam analisados e depois um escolhido para diretor. Nesta eleição — dia 15 último — no entanto, um grupo de pais garante ter provas de que o número de votos foi maior do que o de votantes, houve propagação panfletária pelo grupo de professores acusados de irregularidades.

O novo diretor, Ayrton Benck, recebeu logo após a sua posse, um ofício dando-lhe plenos poderes para tomar as decisões que achar necessárias. "Faço fé de que ele vai conseguir pôr ordem naquela confusão. É nossa última tentativa" — diz o diretor da regional, Francisco de Castro. Ao que parece, a comunidade não vai se deixar vencer fácil: já corre, em surdina, boatos de que Ayrton é simpatizante do PT e que pretende politizar a escola. "Ele é apertadário" — sentencia Francisco.